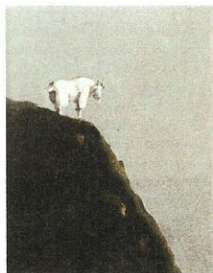


As imagens claras sobre ideias vagas

Miguel Branco recorre a Godard para definir o seu processo de criação



Como se relaciona com o mundo contemporâneo? “Com o pessimismo de quem vê o mundo em ruínas; com o optimismo de quem vê o presente como um desafio”

É UM PINTOR fora do tempo. Não por atraso ou antecipação. Simplesmente fora. Miguel Branco é “absolutamente” contemporâneo, mas produz imagens muitas vezes buscadas na sua formação clássica. Como Godard, procura construir imagens claras sobre as ideias vagas.

Actualmente mostra uma série de pinturas e uma escultura numa colectiva na Galeria Caroline Pagès, em Lisboa, juntamente com Rodolfo Bispo, Manuel Ocampo e Jean-Xavier Renaud.

A única escultura que expõe faz a ponte com os seus trabalhos actuais. Não pintava desde 2004.

Está a fazer a ponte com trabalhos que interrompeu em 2004, quando se dedicou às pequenas esculturas. Em termos de informação, há menos intensidade do bestiário nesta pintura do que tem havido na escultura?

Sim. Estas imagens são baseadas em fragmentos de pinturas existentes. Há uma estrutura que é deixada, mas são trabalhos que têm muito a ver com simplificação de imagem.

Como pensa o trabalho, como investiga, como chega à ideia?

Procuro relacionar-me com o mundo das imagens – esse é o mundo que me apaixonou, sobretudo num sentido de contaminação. Não faço distinção, neste sentido, entre imagens que são feitas agora, de microbiologia, digitais, com imagens de esculturas arcaicas.

Certamente que me interessa este momento histórico em que estamos a viver muitos mundos em simultâneo e isso reflecte-se no meu trabalho, que tem vários níveis.

Faz um trabalho intenso de pesquisa em questões mitológicas e na História?

Também. Não no sentido da História do mito. Há uma frase do Godard de que gosto muito: “Il faut mettre des images claires sur des idées vagues”. Interessam-me mais as ideias vagas, aquelas que encerram em si o instrumento da própria dúvida, misteriosas em si, mas trazidas à luz de forma clara.

E chega a essas imagens recorrendo a um desenvolvimento metodológico específico ou de forma intuitiva?

De diversas maneiras. Em muitas vou à fonte, às pinturas que me interessam. É um processo muito silencioso. É como não estar à procura das coisas e encontrá-las.

Mas faz uma pesquisa em livros?

Tenho pilhas de imagens que arranco de livros, outras retiro da Net. Tenho um arquivo de imagens gigante. Algumas estão organizadas por temas, outras mais dispersas. Há temas recorrentes: o corpo, metamorfose, corpo masculino/corpo feminino, máscara, rosto, animal, paisagem...

Faz um visionamento frequente do arquivo?

Sim, recorro frequentemente a este

banco de imagens. Por vezes já tenho uma ideia muito clara do que pretendo fazer e vou àquele dossier buscar a imagem.

Essa ideia surgiu de forma intuitiva ou recorreu a alguma metodologia? O processo intuitivo está sempre presente ao nível das escolhas, mas a necessidade também. Por vezes pode haver um encontro. Estamos a ler um livro, alguém refere uma ideia ou evoca uma palavra e, aí, desencadeia-se uma série de mecanismos que nos podem levar a uma imagem. Cada trabalho, depois, tem um processo diferente. **O seu trabalho tem um pensamento clássico. Como vê a arte contemporânea?**

Totalmente imerso nela, como artista, como professor e responsável do Departamento de Pintura de uma escola de arte absolutamente contemporânea: o A.C.Co.

E como se relaciona com o mundo contemporâneo?

Com o pessimismo de quem vê o mundo em ruínas e em constante colapso; com o optimismo de quem vê o momento presente como um enorme desafio e o futuro como um campo de possibilidades ilimitadas. ■ **INÚO CUNHA**

+ Miguel Branco, Rodolfo Bispo, Manuel Ocampo, Jean-Xavier Renaud
Entre Chien et Loup, Gal. Caroline Pagès,
Rua Ten. Ferreira Durão, 12, 1.º Dto, Lisboa
Até 7 de Março. Seg. a sáb., das 15h às 20h e por marcação fora deste horário